



Simbiose: catalisando processos

Gabriel Galvão Menezes¹

Subtema: Eu, jovem protagonista responsável. Percurso de formação pessoal e profissional em resposta às exigências do mundo contemporâneo.

Resumo

Nem sempre a universidade tem um curso que atende às reais necessidades para a formação profissional. A setorização do conhecimento em áreas distintas não traz respostas às inquietações humanas, tampouco soluções efetivas aos problemas vistos na atualidade. O caminho da formação estará presente em toda a sua vida, nunca acabará. O primeiro passo é saber quais são as vontades, desejos e necessidades, afiná-los e focar com a perspectiva de inovação e renovação. Cada ser humano é um profissional único, basta ater-se a sua potência íntima e a flor abrirá, fecundará e dará bons frutos. Este artigo trata sobre a formação de um profissional autêntico, através de seus propósitos, princípios, necessidades, relações, envolvimento, pesquisas, experiências, acertos, erros, realizações e transformações.

Palavras-chave:

Agrofloresta; Integração; Vida; Agroecologia; Agricultura; Abundância; Experiência; Transformação; Envolvimento; Potência.

1. Introdução

Por algumas vezes tentei encontrar cursos universitários e profissionalizantes com os quais eu me identificasse, mas sempre foram grandes ilusões, porém tive a oportunidade de conhecer pessoas dos mais variados interesses e isso me enriquece muito até hoje. Na minha última tentativa de formação através da educação formal, quando cursei ciências econômicas, meu maior objetivo era entender como satisfazer as necessidades dos indivíduos e dos grupos com a alocação inteligente dos recursos disponíveis, ocorreu que o conteúdo proposto e programado não condizia com meus anseios e iniciei uma busca pelo aprendizado livre e conteúdo diverso, sem apegos, sem prazos, sem avaliações e sem fim.

Dentro da universidade fiz grandes amigos, e ali pude experimentar as diversas formas de pensamento com as pessoas que convivia, isso era maravilhoso, poder transitar entre universos tão distintos, dos cientistas sociais aos engenheiros civis, dos economistas aos educadores físicos, dos cirurgiões dentistas aos filosofistas, entre várias outras “classes” de profissionais que ali estavam recebendo informações.

Mas minha inquietação não parava por aí, pois comecei a me debruçar e afinar minha percepção sobre quais são as reais necessidades para a manutenção e envolvimento da vida, nas suas mais diferentes formas. Uma das minhas fontes de questionamentos e esclarecimentos foram as palavras de Aldous Huxley:

“Meu sentimento pessoal é que uma educação integrada exige uma abordagem do tema em termos de problemas humanos fundamentais. Quem somos? Qual a natureza da natureza humana? Como devemos nos relacionar com o planeta em que vivemos? Como viveremos juntos satisfatoriamente? Como devemos desenvolver nossas

¹ Pai de três meninos, companheiro de uma grande mulher, agricultor agroflorestal certificado orgânico pela Rede Ecovida, coordena atividades do Sítio Luz da Terra, sócio e técnico agroflorestal da Simbiose Agroflorestal Ltda., feirante no Passeio Público com o coletivo ProNobis Agroecológicos e participa do grupo Nós da Roça da Rede Ecovida.

potencialidades individuais? Qual a relação entre natureza e formação? Se começarmos com esses problemas, e os tornarmos centrais, poderemos reunir informações de uma série bastante grande de disciplinas atualmente separadas.”

2. Desenvolvimento

Passei a buscar diferentes fontes para entender o que se passava e os processos da vida começaram e se apresentar com muita clareza e sincronicidade. Todos os dias eu passava por situações muito significativas, que ampliavam minhas sensações físicas, mentais e emocionais, dessa forma comecei e perceber que as experiências reais e vivas ativavam esses campos de percepção. Encontrei, em um sebo, um livro de cartas escritas por Helena Roerich e numa delas ela descrevia o significado de um símbolo que ela chamava de “Bandeira da Paz”, símbolo este que havia sido pintado por Nicholas Roerich em uma tela com a inscrição em latim “Pax Cultura”, dando o significado de que onde há paz há cultura e onde há cultura há paz, mas o símbolo em si é de um círculo com três círculos de mesmo tamanho dentro, os quais ela descrevia que significavam a arte, a ciência e a espiritualidade (três círculos internos) formando uma cultura (círculo externo) e que são da cor vermelha, que é a cor do sangue de todos os seres humanos do planeta, e não muda nas diferentes etnias/raças. Comecei a observar que a maior parte das pessoas vive para a satisfação de necessidades superficiais e imediatistas e quase nunca integravam esses três aspectos da vida.

Encontrei um estudo chamado “permacultura”, o qual foi criado por Bill Mollison e David Holmgren, e traz uma síntese dos conhecimentos tradicionais e ancestrais em conjunto com os conhecimentos da ciência e tecnologia moderna. A Permacultura tem como base quatro princípios éticos: cuidar da terra; cuidar das pessoas; distribuir os excedentes; estabelecer limites ao consumo. Com base nesses princípios, a permacultura propõe ações através de sete áreas: Manejo da Terra e da Natureza; Espaços Construídos; Ferramentas e Tecnologias; Educação e Cultura; Saúde e Bem Estar Espiritual; Economia e Finanças; Posse da Terra e Governo Comum. Decidi me aprofundar nesse estudo de forma prática. Nesse ponto eu já havia optado por deixar a vida universitária do lado de dentro dos muros, e viver a universidade da vida. Fui colocar em prática aquilo que vi como possibilidade, para identificar, através da experiência, quais as reais necessidades para o ser humano viver e manifestar seu potencial, através da arte do viver, como bem coloca Antonio Meneghetti:

“A arte de viver é a capacidade de agir sobre a vida, através de modelos de ação que determinam uma novidade de ser na existência. Ao invés de repetir o ciclo objetual da existência, o indivíduo inventa comportamentos de função tão destacada, que lhe consentem objetivar a existência como fundo natural de jogo da própria personalidade.”

Percebi que o ser humano precisa das seguintes condições: ar puro, água potável, alimento e abrigo. Seguindo pelas experiências, tive a visão que com a criação de sistemas agrícolas altamente produtivos e diversificados, podemos gerar a abundância dessas condições essenciais para a manutenção e envolvimento da vida.

Conheci um grande amigo, que hoje é um parceiro profissional, em uma atividade com Ernst Götsch, onde foi demonstrada uma maneira eficiente de se criar ambientes altamente produtivos, chamada de Sistemas Agroflorestais dirigidos pela sucessão natural. Dali em diante

comecei a praticar e experimentar o fazer Agroflorestal, o que me trouxe memórias positivas de meus ancestrais, os quais estavam diretamente conectados com a geração de recursos para a continuidade da vida. A criação das Agroflorestas leva em consideração a estratégia que a natureza cria, nos diferentes locais do planeta, para gerar cada vez mais quantidade e qualidade de vida. Considera as formas e as funções dos elementos vivos (vegetais, animais e minerais), para criar ambientes altamente eficientes em produção e manutenção da vida, partindo do simples para o complexo de forma a criar abundância. Partindo da observação da natureza, de sua diversidade, seu equilíbrio, seu desenho, passa-se então a imitá-la dentro do sistema agrícola produtivo, buscando alta diversidade de espécies vegetais gramíneas, leguminosas e arbóreas frutíferas e madeireiras, gerando assim maior amplitude na produção comercial e oferecendo variedade de alimentos para a família, gerando renda para a família/grupo e saúde para o ambiente e para aqueles que ali coexistem.

A Agrofloresta é um recurso tecnológico e necessita de uma visão sistêmica da área a ser cultivada/recuperada e da vida como um todo, para integrar os diferentes componentes naturais, econômicos e sociais do agroecossistema, criando um ambiente produtivo, com acúmulo de energia, geração contínua de diferentes formas de vida e recuperação de áreas degradadas, catalisando os processos da vida.

3. Resultados

Esse encontro resultou, há quatro anos, na criação da empresa, Simbiose Agroflorestal Ltda., que é especializada na assistência técnica e irradiação de Sistemas Agroflorestais Sucessionais como técnica e tecnologia para a produção de alimentos e recuperação de áreas degradadas. Nessa atuação, já atendemos indígenas, quilombolas, assentados, pequenos agricultores, cooperativas de agricultores, grandes latifundiários e indivíduos entusiastas.

Nasceu também o coletivo “Pro Nobis Agroecológicos”, que produz e leva alimentos agroecológicos às pessoas da região metropolitana de Curitiba-PR.

Foi criado também o grupo “Nós da Roça” para Certificação Participativa de Produção Agroecológica, o qual pertence à Rede Ecovida e, todos os agricultores participantes, são pessoas/famílias de passado urbano e que optaram para a transição ao meio rural, através da produção em sistemas agroflorestais. É um grande bando formado hoje por seis famílias que vibram e sentem a necessidade de estabelecer uma relação mais amorosa e verdadeira com a vida.

4. Considerações finais

A auto descoberta permite o traçar de um caminho significativo dentro das potencias internas individuais.

5. Referências

GÖTSCH, Ernst. *Homem e Natureza Cultura na Agricultura*. Recife: Centro Sabiá, 1997.

MENEGHETTI, Antonio. *A arte de viver dos sábios*. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2012.

HUXLEY, Aldous. *A Situação Humana*. São Paulo: Globo, 1992.